

Capítulo Um

Sendo o apelido do meu pai Pirrip e o meu nome de batismo Philip, na minha fala de menino não conseguia pronunciar nada de mais longo ou mais explícito a partir destes dois nomes que não fosse Pip. Assim, chamava-me a mim mesmo Pip, e com o tempo começaram também a chamar-me Pip.

Digo que Pirrip era o apelido do meu pai porque me baseio no que diz a sua lápide, e no que dizia a minha irmã — a Sra. Joe Gargery, que casou com o ferreiro. Como nunca conheci o meu pai ou a minha mãe e nunca vi um retrato tanto de um como do outro (pois a sua época fora muito anterior à das fotografias), as minhas primeiras elucubrações sobre o que seria a sua aparência eram irrazoavelmente derivadas das suas lápides. A forma das letras inscritas na lápide do meu pai dava-me a bizarra ideia de que deveria tratar-se de um homem quadrado, entroncado e moreno, com cabelos negros encaracolados. Baseando-me no tom e no estilo da inscrição “*Também Georgiana, Esposa do Supracitado*”, retirava a infantil conclusão de que a minha mãe era sardenta e enfermiça. Cinco pequenos losangos de pedra, cada um com cerca de um pé e meio de comprimento, dispostos de forma que perfizessem uma fileira simétrica ao lado dos respectivos túmulos, consagrados à memória de cinco irmãos meus — que haviam desistido de tentar sobreviver exceccionalmente cedo nessa luta universal —, convocaram em mim a convicção, que eu entretinha de um modo religioso, de que todos eles haviam nascido de costas e com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, e que nunca as tiraram durante este seu modo de existência.

A região onde vivíamos era pantanosa, junto a uma sinuosidade do rio, a vinte milhas do mar. A primeira impressão mais vívida e abrangente que guardo da identidade das coisas parece-me ter sido vivenciada aquando de um memorável e agreste entardecer. Foi nesse momento que me assegurei de que este lugar árido, repleto de urtigas, correspondia ao cemitério, e que Philip Pirrip, falecido membro da paróquia, e também Georgiana, esposa

do supracitado, encontravam-se aí mortos e enterrados; e que Alexander, Bartholomew, Abraham, Tobias e Roger, os filhos pequenos dos acima mencionados, também se achavam aí mortos e enterrados; e que a bravia paisagem, plana e sombria, que se estendia para lá do cemitério, atravessada por diques, outeiros e vedações, com o gado disperso que nela pastava, dizia respeito aos paus; e que a linha rasa e plúmbea que se estendia ainda mais além era o rio; e que aquele antro remoto e selvático de onde o vento soprava com força era o mar; e que a diminuta criatura que agora estremecia e começava a ter medo de tudo aquilo e a chorar era Pip.

“Pára com esse barulho”, gritou uma terrível voz, e logo assomou um homem por entre as sepulturas, junto ao pórtico da igreja. “Fica quieto, diabrete, ou corto-te a garganta!”

Um homem assustador, vestido com umas roupas cinzentas de material grosseiro, com um grande ferro agarrado à perna. Um homem desprovido de chapéu, com sapatos rotos e um velho trapo amarrado em torno da cabeça. Um homem que havia ficado encharcado em água, que ficara coberto de lama e se aleijara com as pedras, cortara-se nos calhaus, picara-se nas urtigas e ferira-se nas sarças; que coxeava e estremecia, que lançava olhares furiosos e grunhia; um homem cujos dentes não deixavam de ranger enquanto me pegava pelo colarinho.

“Oh! Não me corte a garganta, senhor”, roguei-lhe, aterrorizado. “Peço-lhe por tudo que não o faça, senhor.”

“Diz-me o teu nome!”, gritou o homem. “Rápido!”

“Pip, senhor.”

“Repete”, disse o homem, não desviando os olhos dos meus. “Fala!”

“Pip, Pip, senhor!”

“Mostra-me onde moras”, disse o homem. “Aponta prò lugar!”

Apontei na direção da nossa aldeia, para a planície costeira que se estendia entre os amieiros e as árvores podadas, a uma distância de uma milha ou mais da igreja.

Depois de deter por momentos os olhos em mim, o homem pegou-me e voltou-me de pernas para o ar, esvaziando os meus bolsos. Nada havia no seu interior salvo um pedaço de pão. Quando a igreja retomou a sua forma original — pois os movimentos deste homem haviam sido tão bruscos e violentos que fizeram com que a mesma me assomasse igualmente de pernas para o ar, tendo eu avistado o campanário aos meus pés — quando a igreja retomou a sua forma original, dizia eu, achei-me sentado numa lápide elevada, a tremer, ao passo que ele devorava sofregamente o pão.

“Meu cordeirinho”, disse o homem enquanto lambia os dedos, “que bochechas tão rechonchudas que tu tens...”

Acredito que fossem de facto rechonchudas, ainda que na altura fosse demasiado baixo para a minha idade e não fosse muito robusto.

“Diabos me levem se não era capaz de comê-las”, disse o homem, meneando a cabeça com trejeitos ameaçadores, “e se não pensei nisso agora mesmo!”

Dei-lhe a entender da forma mais convicta que pude o meu desejo de que ele não o fizesse, e agarrei-me ainda com mais força à lápide junto à qual ele me havia largado, em parte para não arredar pé, em parte movido pelo meu esforço de conter as lágrimas.

“Bem, ouve lá, tu!”, disse o homem. “Onde está a tua mãe?”

“Ali, senhor!”, respondi-lhe.

Ele sobressaltou-se, estugou o passo por momentos, depois deteve a marcha e olhou de soslaio.

“Ali, senhor!”, procurei timidamente elucidá-lo. “*Também Georgiana*. Aquela é a minha mãe.”

“Oh!”, disse ele, retrocedendo os passos. “E aquele ali é o teu pai, a fazer companhia à tua mãe?”

“Sim, senhor”, respondi-lhe. “Também ele; antigo membro desta paróquia.”

“Ah!”, murmurou o homem, meditabundo. “E com quem é que vives — isto supondo que te possa ser concedida a vida, algo que ainda não decidi fazer?”

“Com a minha irmã, senhor — a Sra. Joe Gargery — esposa de Joe Gargery, o ferreiro, senhor.”

“Ferreiro, hein?”, disse ele. E baixou os olhos para a perna.

Depois de alternar o olhar sombrio entre a perna e a minha pessoa, aproximou-se da lápide, pegou em mim com os dois braços e inclinou-me para trás tanto quanto lhe era possível segurar-me assim, de forma que os seus olhos pudessem afundar-se de modo mais penetrante nos meus, o que fez com que os meus se erguessem com a mais desamparada das expressões na direção dos seus.

“Ora vamos cá a ver”, disse o homem. “A questão é saber se te deixo ou não viver. Tu sabes o que é uma lima.”

“Sim, senhor.”

“E sabes o que são mantimentos.”

“Sim, senhor.”

Após cada uma destas perguntas, o homem inclinou-me um pouco mais, fazendo-me experienciar uma sensação de desamparo e de perigo.

“Vais-me arranjar uma lima.” Voltou a inclinar-me. “E vais-me arranjar mantimentos.” Inclinou-me novamente. “Trazes-me as duas coisas.” Inclinou-me outra vez. “Caso contrário, arranco-te o coração e o fígado pela boca.” Voltou a inclinar-me.

Fiquei completamente apavorado, e senti-me de tal modo entontecido que me agarrei a ele com as duas mãos e disse: “Tenha a bondade de me

deixar ficar de pé, meu senhor, assim talvez não fique maldispuesto e possa servi-lo melhor.”

Ele pegou em mim de pernas para o ar e fez-me girar com tamanha violência que a igreja deu um salto e assomou com o cata-vento no sítio onde o chão devia estar. Depois, agarrou-me pelos braços, forçando-me a adotar uma postura rígida sobre a pedra tumular, e prosseguiu nestes termos ameaçadores:

“Amanhã de manhã, vais-me trazer a tal lima e os mantimentos. Trazes-me isso tudo até ali àquela velha Bateria que fica acolá. Vais fazer isso, e não te atrevas a dizer uma só palavra ou a dar o mínimo sinal que dê a entender que encontraste uma pessoa como eu, ou seja quem for, só assim te deixarei viver. Caso contrário, ou se te desviares o mínimo que seja do que te mando fazer, por mais insignificante que seja o desvio, esse teu coração e esse teu fígado serão arrancados pela boca, assados e comidos. Agora, é importante que saibas que não estou sozinho, como deves pensar que estou. Comigo anda também escondido um jovem, e olha que em comparação com ele não passo de um anjo. Esse jovem está a ouvir estas minhas palavras. Esse jovem tem uma forma secreta, que só ele conhece, de deitar as mãos a um rapazinho e arrancar-lhe coração e fígado. Não serve de nada o menino em causa tentar esconder-se desse jovem. O menino pode trancar a porta, pode enfiar-se na sua cama quente, aconchegar-se e esconder a cabeça debaixo dos lençóis, achar-se confortável e em lugar seguro, mas a verdade é que o tal jovem acabará por palpar caminho na escuridão, devagar e em bicos de pés, até chegar ao menino, e acabará por esventrá-lo de alto a baixo. Neste momento, sou eu o responsável pelo facto de esse jovem não te fazer mal algum, ainda que isso me seja difícil. Olha que é difícil manter esse rapaz afastado das tuas entranhas. O que me dizes, afinal?”

Disse-lhe que lhe arranjaría uma lima, e que lhe arranjaría também todos os restos de comida que conseguisse encontrar, e que iria ao seu encontro, bem cedo na manhã seguinte, no local da Bateria.

“Diz, diabos me levem se não o fizer”, ordenou o homem.

Repeti o que ele me mandou dizer, e logo me pôs no chão.

“Ora bem”, prosseguiu, “agora é bom que te lembres daquilo que prometeste, e espero que te lembres também do jovem e que vás imediatamente para casa!”

“Bo... boa noite, senhor”, balbuciei.

“Deve ser, deve!”, disse o homem, olhando em volta para a planície fria e alagada. “Quem me dera ser uma rã! Ou uma enguia!”

Ao mesmo tempo, cingiu com os braços o próprio tronco, que estremecia — não deixando de se amarrar a ele, como se procurasse manter-se firme — e começou a coxear na direção do muro desnivelado da igreja. Ao ob-

servar a figura que agora se afastava, procurando abrir caminho por entre as urtigas e as silvas que delimitavam os verdes outeiros, olhou na direção dos meus olhos inexperientes como se procurasse eludir a presença dos mortos e das respetivas mãos, como se estas assomassem dos seus túmulos para lhe torcer os tornozelos e capturá-lo para se lhes juntar.

Quando o homem alcançou o muro desnivelado da igreja, galgou por cima dele, como um indivíduo cujas pernas estivessem dormentes e empedernidas, e depois voltou-se, procurando com os olhos algum sinal da minha presença. Quando vi que ele se voltava, encaminhei-me de imediato para casa, correndo o mais depressa que as pernas me permitiam. Porém, passado um bocado, olhei por cima do ombro e vi-o a caminhar novamente na direção do rio, ainda com os braços a cingirem-lhe o tronco, escolhendo os passos, com cuidado para não ferir os pés doridos, por entre os pedregulhos dispersos um pouco por todo o lado ao longo dos pauis, enquanto procurava terra firme para quando caíssem grandes chuvadas ou a maré enchesse.

Quando detive a marcha para tentar localizá-lo, os pauis assomaram aos meus olhos como uma só linha horizontal, prolongada e escura; do mesmo modo, o rio estendia-se como uma outra linha horizontal, ainda que menos larga ou obscurecida; o céu assomava como uma fileira de extensos riscos de um vermelho muito carregado, entrecortados por outros mais densos e negros. Na margem do rio, foi-me dado a ver, ainda que de forma indistinta, dois vultos negros, os únicos em todo o panorama que pareciam estar em posição vertical; um dos vultos era o do farol, que servia de orientação aos marinheiros — assemelhava-se a um barril sem os respetivos aros, montado no alto de um poste — coisa hedionda quando dela nos aproximamos. O outro vulto era o de um cadafalso, do qual pendiam ainda as correntes que haviam servido para prender um pirata. O homem coxeava agora na direção deste último, como se se tratasse do pirata que, regressado à vida terrena, descera do cadafalso e procurava agora acorrentar-se novamente. Fui acometido por um tremendo susto quando pensei nisto; e quando dei conta do gado que agora o seguia com os respetivos olhares, ponderei para comigo se também os animais haviam pensado o mesmo. Escrutinei a paisagem em busca do jovem terrível de que o homem me falara, mas nenhum sinal pude descortinar que indiciasse a sua presença. Entretanto, fui novamente acometido pelo pavor, e assim desatei a correr para casa sem parar mais nenhuma vez.